

GT38: Entre arte e política: articulações contemporâneas em pesquisas antropológicas

Vi Grunvald, Glauco Ferreira

Em continuidade às reflexões desenvolvidas em Grupos de Trabalho da RBA e da RAM e em Simpósios Temáticos do Encontro Anual da ANPOCS, esta proposta tem como foco práticas e sujeitos sociais que operam nos interstícios entre arte e política. No cenário antropológico contemporâneo, são constantes as investigações que buscam analisar ações sociais que se processam através de imagens, sons, materialidades, objetos, performances e formas expressivas que, não raro, se coadunam em processos de organização coletiva e mobilizações sociais que apontam o rico potencial transformativo de agências que são, simultaneamente, artísticas e políticas. Por outro lado, pelo menos desde os anos 2000, tem se intensificado, em nossa disciplina, o que podemos caracterizar como "virada artística" e que aponta para uma aproximação entre arte e antropologia do ponto de vista de suas práticas e fazeres, enfatizando novos caminhos etnográficos possíveis para exprimir os resultados de nossas pesquisas, bem como atentando para outras possibilidades metodológicas de construção das mesmas. Nesse sentido, buscamos acolher tanto pesquisas que, ao se debruçarem sobre o campo artístico, enfatizam suas potencialidades políticas (e vice-versa) quanto aquelas nas quais o fazer etnográfico opera a partir de produções que mesclam antropologia e práticas artísticas.

O lugar onde meus pés pisam neste momento

Autoria: Valentina Paz Bascur Molina

No presente texto articulo uma discussão em torno da forma como se constituiu o sujeito moderno e os seus desdobramentos na atualidade. A partir dos postulados da pensadora Denise Ferreira da Silva (2019) sobre a questão da Diferença enquanto descritor do humano e, em interlocução com autoras como a antropóloga Els Lagrou (2009), teço um diálogo sobre as possibilidades outras da existência humana e não-humana. Junto das autoras, apresento a obra da artista indígena mapuche Paula Baeza Pailamilla para refletir em torno do corpo e da Diferença. Proponho pensar como as artes indígenas contemporâneas oferecem formas para habitar estas possibilidades. Introduzo o texto me situando enquanto autora e pesquisadora que habita um território em resistência, com antecedentes históricos que são visíveis na cotidianidade. O lugar onde meus pés pisam neste momento, é uma forma de construir conhecimento desde um lugar situado, numa tentativa por colocar em diálogo não apenas impressões do intelecto, mas também aquelas que provêm do corpo. Tomando como referência o que Donna Haraway (1995) conceitua como Saberes Localizados, enquanto caminho metodológico para questionar a forma em que as nossas visões de mundo têm sido constituídas. Coloco especial ênfase nas obras da artista Paula Baeza Pailamilla, a saber: *Mi cuerpo es un museo* [Meu corpo é um museu] (2019), e o registro audiovisual da performance chamada *Kütral - Cuerpos* (2020). Busco identificar a forma em que estas obras questionam aquele sujeito moderno que Denise Ferreira da Silva (2019) também propõe desmontar.

[Trabalho completo](#)

33ª Reunião Brasileira de Antropologia - RBA

A 33ª Reunião Brasileira de Antropologia (RBA) foi realizada de forma on-line, pela Associação Brasileira de Antropologia (ABA) e em parceria com a Universidade Federal do Paraná (UFPR), entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.

Às vésperas do bicentenário da Independência política do Brasil, a entidade mais antiga das Ciências Sociais do país – Associação Brasileira de Antropologia (ABA) - realizou o evento que contou com a participação de mais de 2 mil pesquisadores/ pesquisadoras da Antropologia e área afins oriundos da América Latina, América do Norte, Europa e África.

A programação contou com: 76 Grupos de Trabalhos, 32 Simpósios Especiais, 54 Mesas Redondas, 05 Oficinas, 04 Minicursos, 04 Conferências, 06 Reuniões de Trabalho, Lançamentos de Livros, Atividades do Prêmio Pierre Verger (Mostras de filmes, ensaios fotográficos e desenho); Feira de Livros e diversas premiações (Prêmio Pierre Verger, Prêmio Lévi-Strauss, Prêmio Lélia Gonzales, Prêmio Heloisa Alberto Torres, Prêmio Antropologia e Direitos Humanos, Prêmio de Ensino de Antropologia, Prêmio de Divulgação Científica, além da Medalha Roquette Pinto).

A Reunião permitiu à comunidade antropológica reafirmar seus compromissos com os direitos dos povos indígenas, com as populações das periferias, com as comunidades quilombolas, LGBTQI+ e de favelas. Se tratou de um evento de primeira grandeza para a Antropologia nesses tempos em que os direitos básicos estão ameaçados, possibilitando a reflexão, o questionamento e o pensar sobre os desafios e dilemas da atualidade.

Realização:



Apoio:



Organização:

